

---

PEREZ, Daniel Omar (Org.). **Filósofos e terapeutas em torno da questão da cura**. São Paulo: Escuta, 2007.

---

Bianca Scandelari

Doutoranda em Filosofia - UNICAMP.  
e-mail: bidelari@mx.com.br

---

O livro *Filósofos e terapeutas em torno da questão da cura* reúne textos de diferentes abordagens filosóficas acerca do tema cura, mais precisamente das indagações sobre o que e quando se cura, ou ainda, da possibilidade de curar. Contribuindo na construção e posicionamento dessas questões, a obra toma como ponto de partida possíveis facetas de significação desse conceito, derivadas da filosofia, das neurociências e até mesmo da religião. Nesta tentativa, o tema é abordado com o significado de eliminação de um sintoma, em visões distintas tratado como dor; medo; angústia; ressentimento; loucura; mas sobretudo como questionamento em relação à própria existência.

Por conta da diversidade das tentativas de abordagem do conceito de cura, que se mostram independentes entre si, o livro compõe um mosaico cujas diversas imagens auxiliam o posicionamento referente às questões dispostas, a partir de diferentes pontos de vista. Desse modo, contribui renovando a reflexão a respeito do ser humano na relação singular que estabelece com o viver.

Assim, os textos evidenciam desde uma abordagem histórica, de significações dissidentes, como a da terapia relacionada ao cuidado e ao conhecimento de si, guiada pela invenção frente ao irremediável particular, resultando em diferentes modos de vida, até críticas direcionadas às teorias atuais de condução de práticas e abordagens do mau, da dor, do sintoma, do medo, da culpa, entre outras coisas de que poderia ser desejável curar, em um sentido eliminatório. Contudo, sempre se trata de apontar saídas possíveis, mas que constituem sempre e cada vez uma invenção particular. Nesse sentido, o filósofo se tornaria um “artesão de sua própria existência”, ou ainda um terapeuta

de si, na medida em que constitui um saber singular a partir dos seus questionamentos sobre desejo, intelectualidade, relações de poder e construção do pensamento que tem como efeito exercícios e práticas, tomados como formas de viver e de morrer.

O organizador do livro, Daniel Omar Perez, abre a seqüência de textos com ilustrações de diferentes discursos em momentos históricos muito anteriores à tentativa de inclusão da terapêutica (e suas conseqüências) no registro da ciência. Deste modo, reitera a afirmação de que as práticas ou métodos de cura, cada um ao seu tempo, são necessariamente conseqüências de mecanismos de poder. Estes, sendo ministrados por um conjunto de saberes específicos e convenientes às contingências históricas.

Esta linha de pensamento é seguida nos textos subseqüentes com recortes do pensamento de Foucault, apresentados por Salma Tannus Muchail e César Candioto. A perspectiva lançada sobre a noção de “cuidado de si” surgida na Grécia antiga, período helenístico e romano, é abordada em ambos os textos como um fenômeno cultural que determina um momento decisivo dado sob a constituição de saberes a respeito do modo de vida filosófico/prático daquela época.

O conhecimento adquirido dá lugar a fórmulas representativas da filosofia, voltadas à vivência do ser, em ações tais como: recolher-se em si; sentir prazer em si; respeitar-se e cuidar-se. Estas podem ser agrupadas e dirigidas em caracterizações distintas como a que envolve uma atitude para consigo na forma de pensar e agir, com efeito purificador e transformador; e outra que designa uma função em relação ao outro. Aí se poderia localizar o contexto da chamada *parrhesia* filosófica ou “franco-falar”, a exemplo de um filósofo, como Sócrates, que instiga os atenienses a cuidarem de si por meio da atitude de um discurso verdadeiro, uníssono com suas ações, provocando corajosamente uma reavaliação dos valores de sua época. Assim o enfrentamento das mazelas da vida caberia a cada pessoa por meio da invenção de um remédio para a condição vital do sofrimento, sendo que não há como aplicá-lo em mais de um homem que não seja seu autor. É o que conclui César Candioto.

Ainda, Salma chama a atenção para a suposta marginalização do cuidado de si que teria bifurcado sua interpretação no decorrer da história, no sentido da construção de uma moral coletiva reassumindo regras de cuidado com o outro, via obrigações religiosas ou com a pátria e o bem comum, sendo necessário para isso uma inversão, a renúncia de si. Esta fragilização do cuidado de si ficaria, a partir do que Foucault denominou como “momento cartesiano”, confundido com uma atitude individualista no sentido da “valorização da vida

privada”. Nesta via, a noção de “conhecimento de si” que esteve atrelada à do cuidado, de forma secundária, ganha espaço nos séculos posteriores, porém subordinada ao discurso metodológico moderno de busca e encadeamento de informações designadas científicas. Porém, a despeito de uma visão histórica que se apóia nestes argumentos para localizar o evento de uma decadência no período helênico, Salma traz o argumento de Pierre Hadot de que não houve uma diminuição da atividade filosófica pela dominação política da Grécia, sendo que é nessa situação mesma que o filósofo se daria conta de que a prática filosófica seria a esperança de transformar a cidade pelo exemplo de sua vida.

Para Márcio Alves da Fonseca, que aborda o tema da cura ainda sob a ótica de Foucault, mais especificamente no âmbito das análises em torno da medicina, o doente passa a ser objeto da intervenção médica, ou de um conjunto de saberes que visam a classificá-lo e normatizar curas de aplicação ampla designada como “medicalização”, furtando o domínio e autonomia do “ser”, retirando sua possibilidade de invenção. É o que chama a atenção de Cleverton Leite Bastos, na abordagem neurocientífica do fenômeno dos membros fantasmas em casos de amputação, reconhecendo o extremismo das medidas médicas frente à dor em um braço ou perna que não existem fisicamente. Assim ou se torna o coto mais curto ou se destrói, no cérebro, áreas correspondentes aos centros de dor.

Voltando à perspectiva foucaultiana, Inês Lacerda Araújo nos clarifica aspectos da crítica à psicanálise freudiana localizando seu papel social em um dispositivo histórico de abordagem da sexualidade, que a teria objetivado em nome da ciência e delimitado um tipo de subjetividade. Enfatiza que a análise de Foucault parte de um ângulo diverso, o da análise das institucionalizações e das práticas discursivas, não significando que apontaria assim uma “melhor” verdade ou solução para as mazelas da população, pois não se tratariam de necessidades universais, mas particulares. Ainda no campo da crítica à psicanálise, o texto de Eladio Pablo Constantino Craia questiona, a partir da perspectiva de Deleuze, o que parecem ser noções freudianas e lacanianas de desejo, em sua relação com outra noção de falta, chamando a atenção para a limitação que representa essa interpretação não “positiva”, ou “negativa” deste.

Neste viés de problematização da cura utilizada como base da crítica à medicina e à psicanálise, Marcos Nalli aponta que a prática de curar teria sido construída como uma prática discursiva, ocupando-se de um saber de cunho corretivo e, dependente de normas que contemplam questões culturais, econômicas e morais de diferentes situações históricas, sujeitando o “doente”, o louco, o neurótico e inclusive o saudável ou são – sendo os dispositivos de

poder e saber que definem o normal e o patológico – às estruturas de poder diretamente representadas pelas instituições e seus representantes (o hospital e o médico, por exemplo).

Ainda assim, haveria o ponto de vista da interpretação apresentada por Horacio Luján Martínez, por meio da perspectiva de Wittgenstein, em que apesar das formas de representação da cura e das doenças delimitadas pelas formas de saber já existentes, somos sempre livres para rejeitá-las e olhar para novos aspectos. Aponta então que a filosofia estaria desobrigada de uma visão logicista ou intelectual, ou mesmo ideal segundo perspectivas científicas ou morais, mas estaria relacionada a uma liberdade tida como a possibilidade de orientar o olhar para perspectivas inusitadas, construindo uma forma de subjetividade única, dentro de uma ética inigualável.

Mas levando-se em conta os apontamentos para uma terapêutica de si mesmo, ou da cura particular, há uma ressalva apontada no texto de Bortolo Valle a respeito da abordagem de Wittgenstein em relação à “primazia do próprio caso”, ou seja, conferir previamente à experiência ou pensamento do outro uma significação baseada em si próprio como referencial. Mesmo sendo o acesso à própria interioridade o único meio de significar as palavras, não se pode esperar que estas tenham um sentido universal. Baseando-se nisso, seria também possível questionar a base conceitual das psicologias construídas numa pretensa universalidade apoiada em significações que estariam assim constituídas sobre uma base de “ficção gramatical”.

O livro traz também a perspectiva de Nietzsche, em que o sofrimento não poderia ser eliminado da vida, inclusive, por ser necessário à auto-superação humana. Seguindo a interpretação de Antônio Edmilson Paschoal, é necessário ter um caos dentro de si, cuja tensão é condição para elevação do homem. Nesta consonância, Rogério Miranda de Almeida afirma que não somente a dor e o sofrimento bastam para a elaboração de uma superação de si, mas ainda a capacidade de criação, aniquilamento e reinvenção.

Nestes moldes, o termo doença designaria uma série de condições opostas às ideais ou confortáveis de vivência. Assim, Edmilson avalia o efeito de certas doenças sobre o homem e as intervenções médicas relacionadas, abordando a diferença entre “má consciência” e “ressentimento” e confrontando a noção de cura com um “esquecimento de si”. Este se trata de um cuidado que se deve dedicar a si mesmo, como um propósito a perseguir. O ressentimento seria a consequência de um impedimento reativo frente aos percalços da inibição e interiorização da expressão da força do homem que não poderia manifestar-se livremente. Impedido de vingar-se, ele gesta outra doença. A cura poderia

ser vista como um ativo esquecimento que funcionaria como um “estômago capaz de digerir” as vivências hostis e manter a ordem psíquica. Um “esquecimento de si” que é muito diverso do que poderia sugerir um esquecer-se abdicando a si mesmo, ou renunciando a si mesmo como na tradição cristã da “renúncia de si”, pois não se trataria de desvalorizar-se no castigo a partir de um “sentimento de culpa” que escravizaria e enfraqueceria ainda mais o homem, mas de um resgate de si, esquecendo-se do que pôde ser “digerido”.

Para contornar essa forma pouco criativa e eclesiástica de gerir a vida, apontada por Nietzsche na conveniência do “sacerdote ascético” – e ainda como modelo da absoluta perversão da “arte de curar” de acordo com Ernani Chaves –, haveriam direcionamentos transmitidos pela filosofia, inspirados no modo de vida do grego antigo, assim como a arte trágica e a poesia. Caberia ao filósofo ainda, se for possível, incorporar a função de “médico da cultura”, tal como um intérprete dos sintomas em seu complexo conjunto de diversos elementos e textos, ou como Ernani sugeriu: em vez da procura pela essência do ser, que os filósofos pudessem, desde seu papel, tomar o “desejo por verdades eternas e imutáveis” como passível de ser interpretado.

O sofrimento inerente ao viver, segundo a perspectiva de Schopenhauer, foi delineado no texto de Jair Barboza. O sofrer seria uma das conseqüências da irracionalidade da “vontade”, conceito definido como a força que atribui realidade aos corpos e o ímpeto de vida que faz encarnar o egoísmo que protege a si mesmo a qualquer custo. Haveria assim uma radicalidade do “mau” que poderia ser administrada pelo gerenciamento da infelicidade que provoca, com a ferramenta da razão, porém de forma limitada. Esta gerência constituiria, para Schopenhauer, uma “sabedoria de vida” relacionada de certa forma ao “conhece-te a ti mesmo” socrático, munido de regras variáveis dependentes de cada pessoa que o pratique, resultando numa “conquista de si”, isto é, o homem em seu devir de si mesmo.

Também relacionada ao conhecimento de si está, de certa forma, a interpretação de Avicena, feita por Jamil Ibrahim Iskandar, em relação à cura do medo da morte que se daria, dentre outras formas, pelo auto-aperfeiçoamento que o homem alcançaria pela aquisição do conhecimento. Dessa forma, o sofrimento, nesta visada, poderia ser mesmo aniquilado.

Já seguindo o texto de Daniel Omar Perez, para Kant, o sofrimento advém das “paixões” ou impulsos da natureza humana, tais como poderiam ser a paixão amorosa ou uma inclinação demasiada ao objeto desejado, o orgulho ou a avareza. Por esse viés, se suporia também a loucura de um homem. A saída para estes desvios estaria na cultura moral como indispensável para a

perfeição de conduta e até mesmo física. Seria um conjunto de prescrições que, evitando os “sentimentos mórbidos”, define uma espécie de “dietética”, uma “observação de si” preventiva, também descrita como uma prática particular que de modo algum poderia ser universalizada.

Por fim, tendo como certa a insuficiência dessa breve apresentação, reiteramos o convite à leitura integral da obra.

Recebido em: 17/09/2007

*Received in:* 09/17/2007

Aprovado em: 02/10/2007

*Approved in:* 10/02/2007